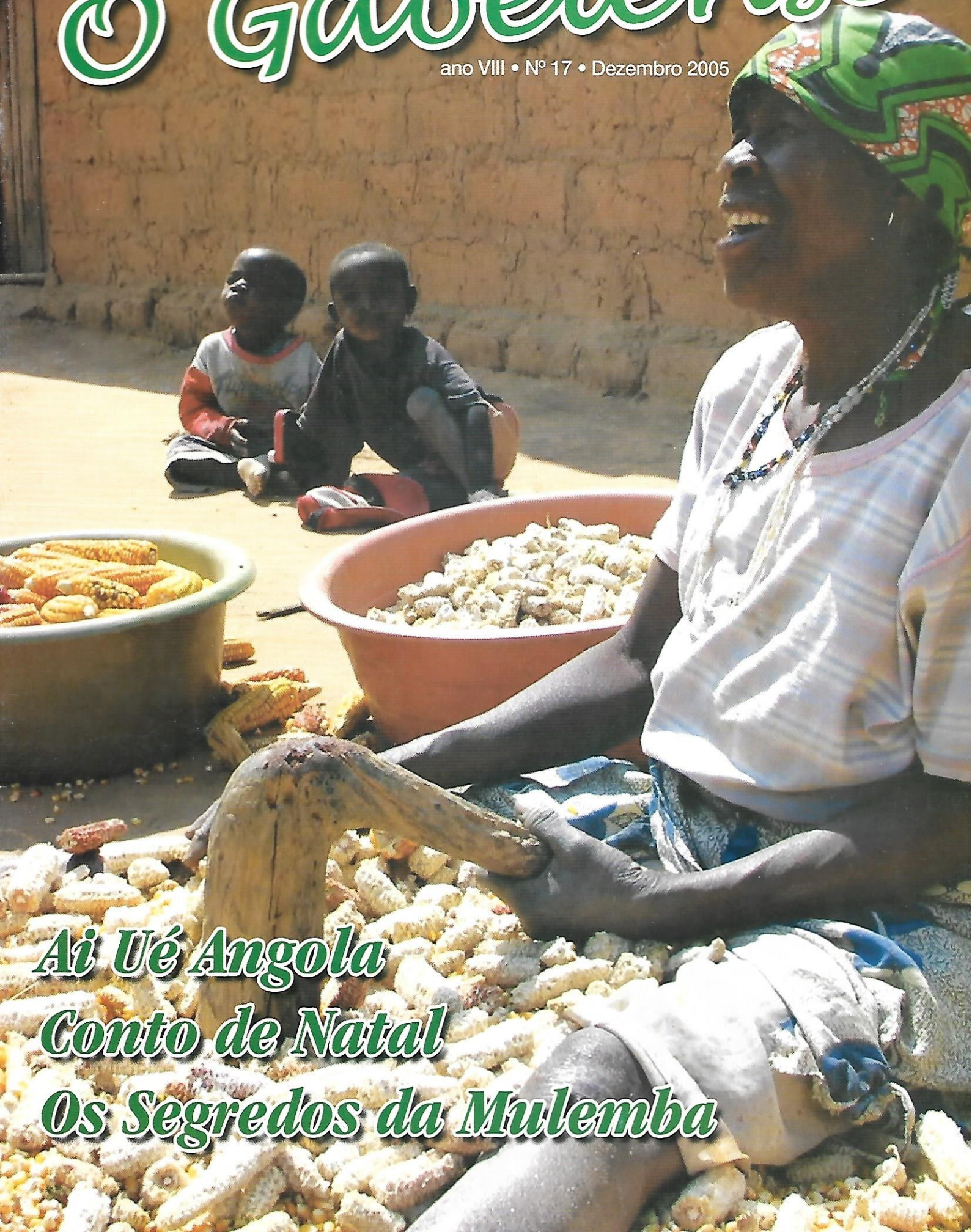


Boletim O Gabelense

ano VIII • Nº 17 • Dezembro 2005



Ai Ué Angola

Conto de Natal

Os Segredos da Mulemba

2º. semestre de 2005

De pais para filhos, devem ser dados os exemplos, para além dos apoios tão necessários à consolidação do futuro dos jovens, cujas perspectivas de singrar em carreiras profissionais, no mundo do trabalho cada vez se torna mais difícil ...

É uma conjuntura mundial, que cada vez mais se agrava a nível nacional, sem horizontes de solução a curto prazo e com trabalho sempre precário.

De certo que haverá razões que o justifiquem, que os Governos não têm conseguido solucionar e que vêm tentando em vão, não abordar o assunto, numa tentativa de evitar conflitos sociais com os representantes dos trabalhadores mais prejudicados e não só.

Pensemos. Meditemos e, como se diz, não choremos sobre o leite derramado! Porém, o passado recente, que tantos agravos e controvérsia causou aos que vieram viver para Portugal-portugueses e não "retornados" que, com o mesmo espírito empreendedor demonstram que como lá (Angola), também cá (Portugal), podem continuar a contar com o seu apoio. Saberão contribuir para a reestruturação do País, seu desenvolvimento, cientes que continuarão a ser um garante para a sua economia, contribuindo para a sua consolidação, como sempre, mercê da sua experiência vivida, num território, em que se empenharam na sua edificação, Angola, recorde-se, catorze vezes e meia maior que Portugal, não só na sua área, mas na mentalidade dos que a habitaram, em relação ao progresso que implementaram, com projectos de desenvolvimento e não só, com a

ambição de gerar riqueza que a todos beneficiou, e, de que o País - Portugal sempre foi o maior beneficiário.

Reclama-se que os profissionais da industria da política, tenham coragem para reconhecer e louvar os que demandaram às ex-colónias portuguesas em busca do que a Mãe - Pátria lhes negava, contribuindo para a exploração das suas potencialidades agrícolas, pecuárias, da pesca apoiadas em industrias de transformação modernas dos produtos para exportação, conhecidos e reclamados em todo o mundo, que gerou uma cobiça permanente "dos caçadores de Tesouros" Angola era, foi e será um Tesouro cobiçado ...

Faça-se justiça. Reponha-se a verdade. Parem de enxovalhar, humilhar e de desmerecer o que foi a presença activa, de trabalho insano, vontade indómita, de sacrifício ímpar, muitas vezes de extrema solidão, em que viveu o colono, para ganhar a sua batalha de luta pela sobrevivência ... em terras inóspitas, que desmataram, amanharam, cultivaram e colheram o produto do seu sacrifício, tantas vezes inglório e infrutífero. Sem desânimo, revigoravam o seu esforço, para continuar, na ânsia de melhores dias, nem sempre conseguidos. Também havia colonos pobres, tão pobres como os pobres de cá ...

Porém ocorre-me um pensamento que, frequentemente me aflora nas minhas divagações dos tempos que correm, em que não há nunca justificações para os males que nos assolam. Porque será que Portugal, após a descolonização, se debate com problemas económicos, que se agravam, com a perda de poder de compra do povo e não se cansa de recorrer ao apoio da União Europeia, de que

somos o parceiro pobre e o maior pedinte ...

Será o facto da perda das suas colónias? Das suas riquezas, da matéria prima lá produzida, remetidas para Portugal que mantinha uma industria rentável? Da falta das divisas das exportações, que tanto engordavam o erário e património do Estado Português e que por outro lado consumiam os excessos da produção, não exportáveis, que eram enviados para as Colónias? Para além das riquezas, imensas riquezas, extraídas do subsolo, de que o Estado Português era o maior beneficiário?

Os Pais e Filhos, descendentes da geração descolonizada que sigam o exemplo que deram ao mundo, os seus progenitores, no trabalho que ficou feito, nos novos Países, onde o seu contributo é visível e está patente na grandeza da sua obra. Que os gabelenses se orgulhem sempre do que deixaram feito e que nunca poderá ser negado tantas foram as realizações, fruto da vontade e do apego à terra que os acolheu e que os fazedores da política lhes retirou. Contem o que foi a aventura que viveram, o trabalho e esforço despendido, cujas memórias ficarão para a História, que será mais tarde contada com verdade e sem justificações falaciosas, que estou certo enaltecerão o que foi o contributo dos verdadeiros colonos que tanto contribuíram para o engrandecimento das terras por onde passaram. O seu feitos estarão irremediavelmente ligados às indestrutíveis obras que são patentes e que integram a cultura por onde os portugueses passaram no decorrer dos tempos e muito recentemente no que foi o Ultramar Português...

Silva Carvalho.

índice

editorial	pág. 2
ai ué angola!	pág. 3
conto de natal	pág. 4
dia da cidade de moçâmedes	pág. 4
os segredos da mulemba	pág. 7
mulemba...	pág. 9
o direito ao voto	pág. 10
comentários sem saudosismos	pág. 11
açores...	pág. 12
meia meia	pág. 13
passo horas contigo	pág. 13
instantâneos da minha vida	pág. 14
passou de moda... dá para pensar...	pág. 16
de pais para filhos...	pág. 18

ficha técnica

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 - 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito - Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito - Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

ai ué angola!



são marques

...”No fim, sobra a memória imperecível da Terra de que vim, mas onde ainda hoje estou e onde jamais poderei deixar de estar. Impõe-se-me particularmente a lembrança desses lugares natais... impregnados de aromas intensos e envolventes, desprendidos de um misto de madeiras secas, maresias, capins... transportadas nas abas do vento... também a recordação vivíssima das pessoas sem cor e sem malícia entre as quais fui maravilhadamente despertando para a Mãe África. Chegam delas os sorrisos, as lágrimas e a esperança. A emoção. Até um dia”

Faço minhas as palavras de José Bento Duarte no preâmbulo do seu livro “Senhores do Sol e do Vento” com histórias verídicas de Portugueses, Angolanos e outros africanos. É uma leitura apaixonante.

Em todos os livros de geografia (disciplina que lecciono) vêem artigos sobre Angola. Invariavelmente todos os autores dizem que apesar de ser um dos países com maiores riquezas em África, Angola vive à beira do abismo. Sobrevive somente com

as extracções mineiras, como os diamantes e o petróleo. Mas a maioria da população angolana vive abaixo do limiar da pobreza.

As infra-estruturas hospitalares degradadas e a malária e outras doenças tropicais, erradicadas no tempo colonial, voltaram a matar em grande número.

Sem vias de acesso às áreas mais carentes e sem segurança as organizações humanitárias desistem de tentar chegar ao interior do país.

A sociedade angolana é profundamente marcada pelas desigualdades. Há uma minoria rica, com acesso aos bons serviços sociais e culturais (escolas privadas) enquanto a maioria é muito pobre, onde o analfabetismo é elevado e a esperança média de vida é reduzida.

Ai ué Angola!

Porém a localização geográfica de Angola, predominantemente tropical, daria um óptimo destino turístico. Ao invés de apenas apostarem na exploração mineira, deveriam antes apostar no turismo. Poderiam aprender com o exemplo do Quênia onde o turismo tornou-se a actividade



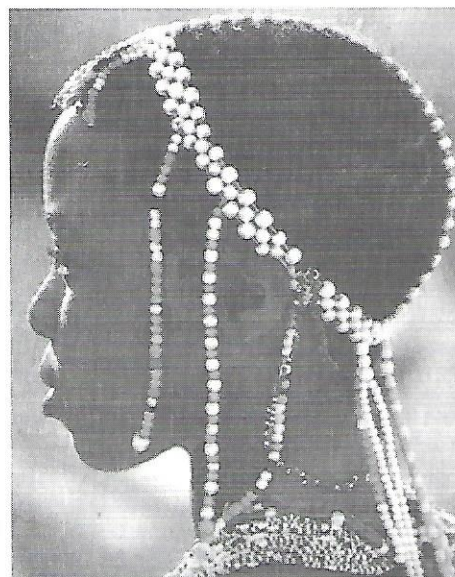
económica mais importante dando origem a divisas e empregos.

Angola tem um potencial turístico extraordinário: banear, e ecológico e este devia ser aproveitado.

Gabelenses: peço-vos que esqueçam a proposta que vos fiz no ultimo boletim “O Gabelense” de realizar-mos os próximos encontros no parque das merendas da cidade de Abrantes. O motivo para este meu pedido é o facto de este parque ser intensamente frequentado pelas populações locais. Seria muito complicado tentar reservar uma parte do parque para fazer-mos a nossa reunião. Perdoem-me pela proposta que vos fiz no “Gabelense”.

Até breve

Tchau da São Marques



Mensagem:

NATAL ... É FESTA ... É UM HINO AO AMOR ...

Paz, tranquilidade, amizade e muita fé ...

Será o que todos desejamos, na quadra que se avizinha, sejam quais forem as convicções da religião que professamos ... ou não. Natal é festa para todos ...

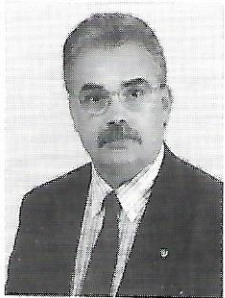
A Deus consagramos, neste momento os desígnios das nossas famílias, quer se juntem ou não e que, para os que se juntam, seja uma reunião de paz e fraternidade, que desejamos a todos ...

Aos gabelenses os votos sinceros de um Santo Natal e que o Novo Ano seja de Paz e Prosperidade, em que se realizem os desejos formulados por cada um.



São os votos sinceros da Direcção da Associação.

conto de natal



acácio oliveira

Gosto de receber presentes. Geralmente compro o meu próprio presente de Natal para poder ter exactamente o que desejo. Apesar de minha memória já um pouco cansada, mesmo assim fico surpreso com o que recebo na noite de Natal!

É interessante observar as mudanças que a idade promove em nossas vidas, não só fisicamente mas também em nossas atitudes e opiniões.

Uma das mudanças é a crescente gratidão que sinto até mesmo pelas coisas da vida aparentemente pequenas e insignificantes. Nem sempre foi assim, mas provavelmente o tema dominante na minha vida actualmente seja “reconhecimento e gratidão”.

Um dia um “velhinho” contou-me a

seguinte história que nunca esqueci:

“Um chefe de família muito rica levou o filho para uma viagem ao interior de Angola para mostrar-lhe como vivem as pessoas pobres. Passaram dois dias e duas noites num “QUIMBO” de uma família considerada muito pobre.

Quando voltaram da viagem, o pai perguntou ao filho.

- Que tal foi a viagem? O que achaste dela?

- Foi ótima, pai!

- Tu viste como vivem as pessoas pobres? Perguntou o pai.

- Oh, sim, respondeu o filho.

- Então, diz-me, o que aprendeste! Pediu o pai.

- Eu vi que temos um cão e eles têm quatro. Nós temos uma piscina que vai até metade do nosso jardim e eles tem um riacho que não tem fim. Nós temos candeeiros importados no jardim e eles têm estrelas à noite. O nosso pátio termina no Jardim da frente e eles têm todo o horizonte. Nós temos um pequeno pedaço de terra para viver e eles têm campos que vão além do que a nossa vista pode alcançar. Nós temos empregados que nos servem, mas eles servem aos outros. Nós compramos a nossa comida, mas eles cultivam o que comem. Nós temos muros à volta da nossa “Roça” para nos proteger, mas

eles têm amigos que os protegem.

O pai do garoto estava sem fala. Então, o filho acrescentou:

- Obrigado, pai, por me ter mostrado o quanto nós somos pobres!”

Perspectiva não é uma coisa fantástica, surpreendente? Não sei qual é o seu ponto de vista, mas esta história deixa-me curioso sobre o que aconteceria se todos nós olhássemos mais para tudo o que temos, em vez de investir tanto tempo e energia a preocupar-nos com o que não temos e tentando descobrir como consegui-lo.



dia da cidade de moçâmedes homenagem a moçamedenses ilustres



mário frota
Caldas da Rainha

7 Agosto 2005

O Poeta descortinara no vulto que fora seu sopro inspirador de vida o Homem, modelo de virtudes, de onde irradiava um excelso exemplo de refulgente bonomia, feita bondade intrínseca.

O Poeta retratara o Homemsíntese dos Homens que herdaram a simbologia da **Tentativa Feliz** e entre o Mar e o Deserto uma Sociedade de Homens edificaram.

No culto da honra, do dever, da renúncia, da solidariedade.

Os Homens que, sem o planearem, porque ingenuamente presos ao sortilégio da terra-Mãe houveram de empreender um aparente retorno, porque de retorno se não cuidava, e de amassar o pão com a imaginação aliada ao suor do seu rosto.

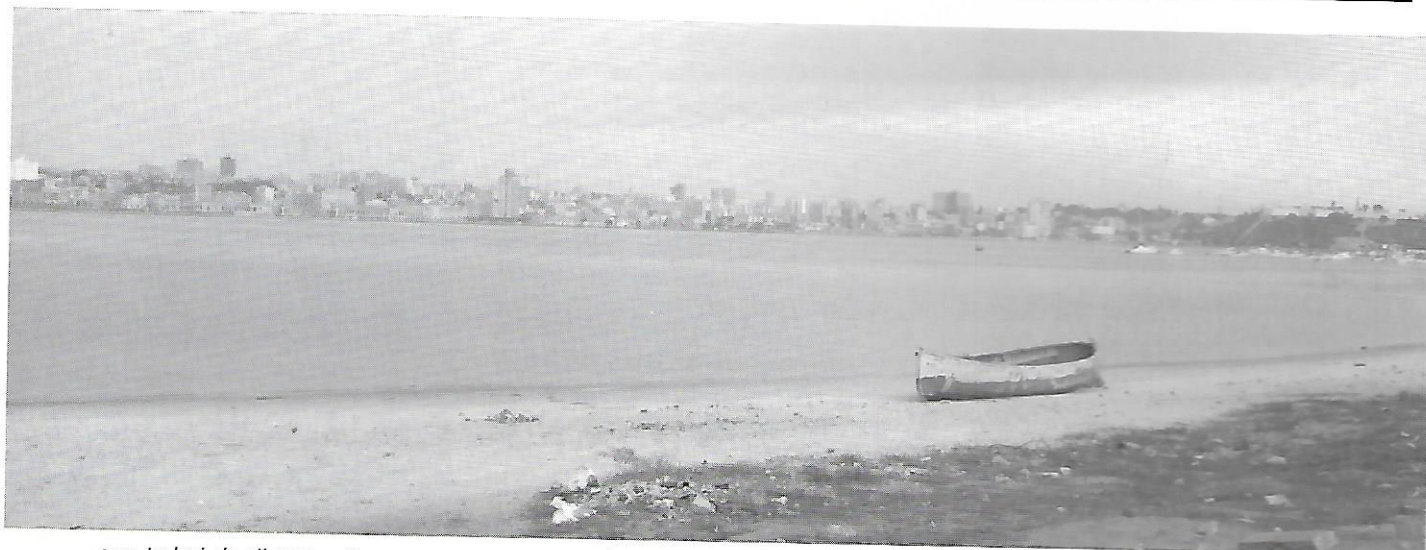
E no traço impressivo do Poeta, surge a radiosa figura desse Homem que nos contempla do além e sabe que o verso feito prece se lhe dirige, em comovido preito que confere um sacro sentido à VIDA:

*Aí estás vertical no teu posto
como te conheci sempre na vida
não te negaste*

*Não te traíste
não procuraste
Furtando-te
uma saída*

*Aí estás vertical no teu posto
Com chagas no coração
Chagas nos pés
Mas sorriso sempre tão
composto
Como se pudesses de novo
correr o mundo de lés-a-lés*

*O livro que para outros
é prazer é cultura
para ti é força e obstinação
não vá a vida surpreender o
lutador
sem armadura
e inerte para a acção*



*que te hei-de dizer senão que me
dás no quotidiano do trabalho
duro a força serena a coragem a
paz para saltar um muro e outro
muro até fazer melhor
o que de melhor sou capaz?*

E na homenagem que o Poeta presta a um moçamedense de gema, no simbolismo que dela transluz, irmanam-se os que neste campo de conagração e na efeméride que ora nos convoca, pretendem exaltar a figura de

José Pedro Bauleth
Norberto Gouveia
Mário Leitão
e
Carlos Lopes Alves Oliveira

Filhos dilectos da Angra do Negro, a que aportaram as naus que da outra riba do Atlântico demandaram costas de África, foram exímios no desporto, exaltantes na devoção à sua terra, intérpretes fidedignos da gesta de nossos maiores, agregadores de querer, persistentes na acção, dominados pelo propósito de que o desenraizamento não produzisse mais danos do que os que decorrem da destruição de século e meio de vivências que os baldões da História se precipitaram em sepultar.

E é a imagem do descaso que os próceres de uma descolonização por fazer que os infatigáveis obreiros, que na nossa meninice eram já cromos dos rebuçados amargos que se nos presentearam no futuro, que ocorre recordar:

*"por vezes
de dentro do meu corpo enorme
de um corpo adulto
foge de súbito uma criança
a olhar espantada a vida*

*pela primeira vez
e não reentra em mim
sem procurar
na casa perdida de seus pais
uma infância possível
para si"*

No porte atlético que ostentavam, lobrigamo-los como em autêntica corrida de estafetas, a transmitirem em cada segmento do percurso, na tragédia que se abateu sobre o ciclo das nossas vidas, o facho luminoso que outros empunharam e permitem que hoje nos postemos perante as figuras egrégias destes moçamedenses bons que souberam, afinal, interpretar a lição de vida dos nossos maiores, e transmitir-nos o legado moral de vidas de exemplo, na sua singularidade, na sua singeleza, no majestoso do que é, a um tempo, simples e difícil de atravessar os tempos, na voragem dos materialismos que incendeiam, destróem e reduzem a cinzas.

José Pedro Bauleth
Norberto Gouveia
Mário Leitão
e
Carlos Lopes Alves Oliveira,

eis a galeria dos que elegemos como credores de um gesto humílimo de retribuição, de reconhecimento, na memória que se dilui.

Na homenagem que se lhes presta, a rememoração da Terra-Mãe, das hortas úberes do Giraúl, à Torre do Tombo em que acostavam as traineiras com o bojo a transbordar de pescado, riqueza primeira de um povoado prenhe de vida e de expectativas no devir, acantonado entre o mar pródigo e o deserto sinónimo de resistência que na Welvitchia se espelhava.

E de novo com os acordes do Poeta

*"Não me peçam para esquecer
a minha terra
Não me peçam para esquecer
a minha terra*

eu não posso

*se o preço de ser livre
foi perder a bagagem*

*no exílio o que custa
é não perder
a memória"*

E porque nas bagagens destroçadas que perduram na retina dos caixotes mal pregados espalhados pelo cais, não cabe sequer espaço para devaneios, ao menos que a **memória** se não esvaia.

Daí que elevemos os corações ao alto para recordar como fonte perene de consagração aos outros, de devoção aos seus

o Patalim
o Zeca
o Carlitos
e
o Mário Leitão,

egrégios descendentes dos que dos longes do Brasil e no bojo das naus construíram de modo acrisolado laços indestrutíveis que onde quer que remanesça um moçamedense jamais se deslaçarão

Destroçámo-nos pelo mundo, retornamos sempre ao lugar do primeiro choro

*quero chorar de novo
o primeiro choro
sem lágrimas que sangram*

num choro de homem

*quero-te grávida de mim Mãe
uma outra vez
para poder contemplar esse
sorriso
com que me brindaste enfim
depois das dores*

*quero este silêncio
de uma noite anónima
para poder nascer
renascido*

E não recusamos o retorno aparente ou semi-real porque recusámos as pelejas intestinas, o sangue gratuito, a selva no seu retorno triunfante

*Um pássaro hoje nascido
veio dizer-me
ao sair do ovo
que recusará as rotas do sul
tingidas de sangue inútil
de cadáveres putrefactos.*

Os pensamentos que nos dominam os cérebros já estirados... desembocam inevitavelmente em África.

E em comunhão com os que construíram castelos de areia na *Praia Mirabilis* e, mais tarde, ergueram em betão as vidas que a História dissolveu, é a África que temos no horizonte, é essa marca de água que confere às notas em circulação a fidedignidade de um caminhar.

E nos caminhos de antanho como nos de amanhã cruzamo-nos com os Leitão, os Oliveira, os Bauleth, os Gouveia. E nessa arquitectura de espaços e de memórias reconstruímos as vidas destroçadas que se inscreveram no nosso fado.

Nem os mais novos de entre nós que passeiam por estas sombras as sombras da sua orfandade se apercebem, mas há coisas indelevelmente gravadas no mais fundo dos nossos seres



*tempo
e de teus filhos o grito macerado
transpõe todos os tempos de teu
tempo*

*é um tempo de fome que persiste
na resignação esfíngica das
mães cujo olhar vazio de
esperanças perscruta o tempo
novo que não vem nas rotas
sombrias dos antigos
veleiros há de novo navios
ajouçados da riqueza furtada das
entranhas da terra e do povo
escravizados*

*novos colonos esperaram longe
a súbita partida dos antigos
vêm subtis algemas de veludo
e a mesma cobiça escondida
num sorriso de amigos*

*aos impérios que o tempo
sufocou
outros se sucedem vitoriosos
e África persiste terra cativa
agrilhoada pátria de sonhos
incontidos*

E é este destino indissolúvelmente ligado ao destino de África que nos amargura.

Construímos com as mãos o futuro de Portugal, mas com a mente em Angola do nosso deslumbramento, mesmo que as cataratas que descem já sobre nossos olhos cansados não permitam ver a destruição que se perpetrou, os ódios que se semearam, a violência que se colheu e o futuro que se condenou às galés.

*África nossa.
África posse de um só povo
branco e negro.*

Que não mais os pássaros oriundos de África nos tragam novas destas. Não mais. Que queremos acreditar que a gesta dos Bauleth, Leitão, Carlitos e Patalim possa refulgir em um Moçâmedes, Mar e Março nos mais sublimes encantos que se nos deparam.

*Um pássaro recém-vindo de
África*

*pousou hoje no meu beiral para
me dizer
que com as chuvas de Março na
minha terra
gotas de sangue tingiram as
searas
e o próprio sol não quer aparecer*



com receio de ser algemado

*Os tempos escoam-se
As energias esvaem-se
As esperanças claudicam*

Mas as esperanças ressurgem, porém, nos pequeninos seres que são extensão, continuidade, que terão de recriar no imenso por fazer, as Angolas que nos coibiram de edificar.

Teremos de novo de reerguer uma pátria onde as etnias se esbatem sob o denominador comum de um acrisolado amor à terra - mãe.

*tenho dentro do meu peito
guardadas
todas as claridades do teu sol
brilhante
e um amor conservo
todos os tons de azul do teu mar
oceano
e os cheiros bons da minha
infância*

*terra África
mãe mulher amante
gastei todas as imagens de poeta
pintei todos os búzios e maboques
com cocos e goiabas à mistura
mas no coração persiste este
desejo de viajar de novo no teu
ventre amigo
África terra
terra de um único povo negro e
branco.*

Na homenagem que nos reúne, a despeito das deambulações dos que se não detêm frente a esta estrutura e do ruído de fundo que perturba, sinal de uma perturbação mais funda que ecoa pelas fímbrias de todo o ser, elevamos as nossas preces aos Céus e, em jeito de profissão de fé, ergamos em cântico de esperança as nossas vozes, entoando

*nas veias me correm coringes e
cuanzas
no peito me ardem queimadas
antigas
e o Tejo é o Tejo
o sangue exterior da mais
improvável transfusão*

*e a fogueira que arde
na beiraalta do meu peito
não aquece o corpo não pinta o
quadro
não constrói as asas
do meu voo atlântico.*

- Carlos Alberto Lopes Oliveira
- José Pedro Bauleth
- Mário Leitão
- Norberto Gouveia

onde quer que estejam, saibam que ser moçamedense é ser memória, na inquebrantável fixidez de uma *Welwischia* e na admirável resistência de quem no reconhecimento e na gratidão cava os caboucos de uma sociedade etérea assente em princípios, em valores sucessivamente depositados nas mãos inocentes e sem mácula dos filhos dos nossos filhos, uma projecção perene rumo ao amanhã.

Professeur à l'Université de Paris XII
Director do Centro de Estudos de
Direito do Consumo de Coimbra
Director da RPDC *Revista Portuguesa
de Direito do Consumo*
Presidente do Conselho de
Administração do Centro de
Informação de Consumo e Conflitos do
Porto, em representação da Câmara
Municipal do Porto
Mário FROTA
Professeur à l'Université de Paris XII
Director do Centro de Estudos de
Direito do Consumo de Coimbra
Director da RPDC *Revista Portuguesa*

os segredos da mulemba

Lúcio Flávio da Silveira Matos

Recordações da juventude de um filho de S. Jorge do Vatofo, hoje no Estado de Stª Catarina Brasil.

Reza a história que a Rainha Ginga ou Nzinga Mbandi Ngola, a rainha de Matamba e Angola, baptizada por missionários católicos com o nome de D. Ana de Souza (1587-1663), chegou a acampar sob uma lendária figueira africana chamada de "Mulemba-Xangola", ainda existente a cerca de treze quilómetros a leste de Luanda, perto das instalações do actual Observatório Astronómico da Mulemba. Também dizem que os marcos "geodésicos" dos limites territoriais concedidos pelo Rei N'Gola a Paulo Dias de Novais eram mulembas (ou nsandas, em Kikongu). Também foi sob uma nsanda que se realizou a assinatura do célebre Tratado de Simulambuco, entre o representante do Rei de Portugal e os Príncipes e Governadores de Cabinda, em que estes colocaram os povos do enclave cabindense sob o protectorado da coroa portuguesa.

Estas figueiras africanas são árvores muito frondosas, são constituídas por vários troncos regenerados e fundidos uns nos outros, muitas vezes, com as raízes estendendo-se acima do terreno, podendo ter um perímetro de mais de seis metros e atingir a longevidade centenária. Portanto, não é de admirar que os **manis**¹ do Kongo e os **sobas**² do Ndongo fundassem à volta delas os seus povoados, pois as culturas africanas tradicionais atribuíam às mulembas um carácter sagrado, por incorporar os espíritos da terra. Dizia-se que era à volta destas árvores e sob a bênção da sua



sombra, que as pessoas se compreendiam no mais íntimo do seu ser. Para o africano, de modo geral, a árvore estabelece uma real comunicação entre o subterrâneo, a superfície terrestre e as alturas celestiais. É como uma garantia que não existe qualquer obstáculo intransponível entre **Kalunga**³ (abismo dos mortos), o mundo dos vivos e o paraíso da libertação dos **Malunga**⁴ (espíritos santos de brancos e negros) e **Kalungangombe**⁵ (ente espiritual que acolhe as almas).

A palavra mulemba é usada no Kimbundu, a língua gentílica praticada na minha savana. No Kimbundu, o nome da figueira sagrada é associada comumente ao verbo **Ku lembe**, que é sinónimo de escurecer ou ensombrar. Realmente, é costume dos africanos procurar a sombra de uma árvore para a introspecção individual ou para a troca amena de ideias, geralmente, histórias e

adivinhas, através de um bate-papo, ou seja daquilo que no Kimbundu se chama **sunguilar**⁶, por isso, também é chamada à figueira africana a "**mulemba das discussões**".

Talvez, por inspiração sobrenatural, os primeiros **mindele** (plural de **mundele**⁷ homem branco, no Kimbundu) foram atraídos pelo carácter sagrado de uma mulemba, para demarcar em volta dela a praça central da décima ilha açoriana plantada na savana. Do lado poente, foi erigida a igreja e a sul, a Casa do Divino Espírito Santo. Era a primeira manifestação desatenta de sincretismo entre a mais rígida fé católica apostólica romana e o animismo africano; era a prova material de que a mão de **Nzambi**⁸ (Deus) está sempre ao leme dos mais bem intencionados actos humanos; era a Unicidade Divina a decretar a Unidade de todas as religiões ou rituais, como prova de que estes foram inventados pelos triviais humanos para agradar a Suprema



Misericórdia, à sua restrita maneira.

Aos domingos, revelava-se mais intensa a aura atractiva da mulemba. Os ilhéus iam chegando, atraídos por ela, confiavam-lhe as suas bicicletas ternamente encostadas uma a uma, para formar uma roda de múltiplas rodas centripetamente dispostas. Logo, se seguiam os abraços e apertos de mão fraternalmente impostos pela saudade de uma semana de separação e isolamento no árduo trabalho de domar a savana. Sob a benção frondosa daquela figueira sagrada animavam-se as “cavaqueiras” recheadas de termos ilhéus, que nada ficavam a dever ao **sunguilamento** da nova terra que os adoptou como filhos.

Tudo isto eu observava detidamente, dos três aos oito anos. Como menino da savana, não entendia por que aqueles brancos gostavam de ficar conversando animadamente debaixo da mulemba. Apenas, entendia que falavam de negócios, os mais velhos, ou das meninas prendadas, que permaneciam à distância na entrada da igreja, os mais novos.

Até, o barbeiro Badaluke (Rafael, o nome de baptismo) aproveitava a sombra da mulemba para tosquiar as cabeças dos ilhéus, nada afeitos ao elaborado esmero do penteado. O nome Badaluke

era a corrupção, na interpretação do povo Kimbundu, do nome da terra de nascimento do barbeiro Guadalupe, na Ilha Graciosa, Açores. Ele ia cortando os cabelos com a mesma velocidade em que costumava levar o seu veículo de transporte, que percorria a picada da fazenda ao povoado sem pegar um só pingão de lama na época das chuvas mais intensas. Só assim ele podia transformar-se no depositário mais fiel de todos os segredos de negócios e alcova que os seus clientes lhe iam confiando em voz cantada. Também, só com tal paciência de Job e tão grande moleza bovina, o Badaluke conseguia aparar o cabelo e o bigode do Aurélio Kapakeia, que recebeu este segundo nome dos indígenas por tremelicar a cabeça para um lado e outro, tal qual o pássaro homónimo. Os ouvidos e o cofre de segredos do Badaluke só eram ultrapassados pelos da mulemba, pois ela era depositária fiel duma historia ancestral, muito anterior à chegada do barbeiro. Foi ali no meu silêncio perscrutador que consegui ouvir o ilhéu, que se tinha por muito sábio nos negócios, falando de que os seus sonhos de sucesso material passavam por uma cuidada criação de galinhas

poedeiras, para grande contrariedade e indignação dos que divinizavam a supremacia das vacas leiteiras. Outras historias revelavam uma coragem caricata de caçadores rapidamente adaptados ao enfrentamento das maiores feras da savana, como encarar “**leões com cornos**” ou, perante duas onças, “**apontar o farolim de cabeça para uma e atirar de espingarda para a outra**”. Tudo a mulemba ouvia e abençoava, pacientemente. Oh, paciência africana!

Certo dia, em seus cinco anos, o menino da savana e o seu mano Zeca avistaram um **monandengue mumbundo** (menino negro), todo vestidinho de sarja branca, tão alva de neve, e com uma fisga ao pescoço que lhes atçou a cobiça. Eles perseguiam grandes sonhos de caçadores de seripipis, viúvas. Bicos-de-lacre e outros pássaros, pousados sobre a mulemba, e, por isso, nada melhor do que o novo amigo...E, já com uma fisga bem produzida e calibrada!... Aproximaram-se e o diálogo correu solto, como convém a mentes infantis destituídas de preconceitos. O menino nativo, com cerca de 10 anos, se chamava João Eduardo e disse que estava à procura de emprego. Partimos com ele rumo a casa, já admitido ao serviço, conforme comunicamos sem tolerar contestações ao “Capitão da Malta”. Aqui, vocês ficam a saber que me refiro à minha mãe. O João Eduardo ficou com a incumbência de nos acompanhar nas traquinices de **monandengue**, nas idas à escola e à missa, na realização das tarefas escolares e de catecismo, sempre se comportando como um “**mais-velho**” bem ajuizado e interessado, para contrabalançar a irresponsabilidade dos “**mininos**” **mindele**. Não é de admirar que o João, logo que fez a quarta classe na escola, assumiu a vontade de se baptizar e de assumir responsabilidades de homem adulto... Onde está ele agora?... Certamente, pensando saudosamente no que nos une, não obstante o tempo, a distância e as guerras que matam o corpo e não matam a alma...

Quando regresssei à savana, em 1996, depois de ser obrigado a passar cinco anos no arquipélago das nove ilhas, perdido no meio do Grande Mar Poente, foi com olhar deprimente que constatei que a mulemba central estava em adiantado e irreversível estado de seca e morte. Já ninguém se acolhia sob ela, nem para encosto das bicicletas servia. Ela estava devotada a um ingrato desprezo. Fazendo uso da sua linhagem sagrada, ela queria avisar

profeticamente os homens da desgraça que viria em poucos anos, todavia eles não lhe prestavam qualquer atenção. Efectivamente, o pronuncio da mulemba se realizou a partir de 1975.

Só hoje, em 02 de Outubro de 2003, com 50 anos, o menino da savana consegue entender o recado profético da mulemba e, por isso, escreve:

O AVISO DA MULEMBA

A mulemba era tudo
Naquele povoado de gente pioneira:
Apoio silente, confidente,
Desde papo sisudo
A conversa maneira.

Sob sua copa frondosa,
Rolavam em polvorosa
Conversas sobre **Kumbú**⁹
E negócios de vida amorosa,
Em que o tu era eu, e o eu virava tu.
Mas, um dia, as folhas caíram,
Secaram, e os ramos partiram,
De tanto que murcharam,
De tão secos que ficaram...
Era o prenúncio de má sorte,
Da morte,
Da guerra,
Da diáspora de brancos e negros
"sem-terra".
Assim, foi o fim
Duma historia de glória...

¹ Régulo africano antigo Reino do Congo, ao norte de Angola.

² (Plural jisoba). Chefe local (termo Kimbundu).

³ Mar, abismo; termo também utilizado no sentido de morte, firmamento ou mundo dos mortos (t. Kimbundu).

⁴ (Santo de) – (Termo Kimbundu, plural de dilunga). Espíritos de indivíduos de raça branca ou negra que se revelam por simpatia e isoladamente, em lugar apropriado.

⁵ Ente espiritual que acolhe as almas dos mortos no outro mundo (t. Kimbundu).

⁶ Passar a noite a conversar, geralmente a contar histórias ou adivinhas (t. Kimbundu).

⁷ (Plural mindele). Homem branco. Há várias explicações para a origem da expressão, mas predomina a inclinação para a tradição que relaciona os europeus com os espíritos (ndele, plural jindele), de cor branca (t. Kimdulu).

⁸ Deus (t. Kimdulu, comum à generalidade das línguas bantu).

⁹ Dinheiro (Do termo Kimbulu ukumbo, vaidade).

mulemba...



silva carvalho

O artigo os "OS SEGREDOS DA MULEMBA", que inserimos de Lúcio Flávio da Silveira Matos, foi-nos enviado pelo Pai, Vicente Teixeira de Matos, que o intitula de "recordações da juventude de um filho de S. Jorge do Catofo, hoje a viver no Estado de Santa Catarina, no Brasil" ...

Estou certo que a mensagem que nos passará, impressionará todos os que lerem o artigo, que em mim causou um impacto saudoso ... Quem viveu em Angola e não conheceu ou se relacionou com uma mulemba (melhor mulembêira), nas suas brincadeiras de infância e se calhar na adolescência, em encontros furtivos ... ?

A árvore frondosa que a mulemba, de figos bravos, era, proliferava por toda Angola. Por momentos, recordei-me dos meus tempos em Benguela, onde nos quintalões havia mulembas, refúgio da passarada, que se alimentavam dos seus frutos. Vieram-me à memória as traquinices e os devaneios por todo o lado onde passava à procura dos frutos silvestres cajajas e tamarinos - ou outros de todos conhecidos, mangas, goiabas, anonas, sapesape, que faziam as delícias não só da passarada e também da criançada que, de fisga, andávamos a caçá-los ...

Também me lembrei, dos IMBONDEIROS, que havia em Angola, que tanto admirava,

quando viajava, e me impressionavam, pelo seu porte grotesco e sombrio, ao mesmo tempo solene e majestoso. Fazia-o o "rei" da savana ... Para além do fruto, a mukua, de sabor acre, dizia-se que eram reservatórios de água que matavam a sede a muitos caçadores. Se o imbondeiro fosse aproveitável para a industria, dizia-se, que seria a maior riqueza de África.

Obrigado pelo artigo, Lúcio Flávio, que me fez reviver, aos 72 anos, fantasias da minha infância ... o que acontecerá com

muitos leitores.

O Artigo que se segue foi extraído da publicação de ATLÂNTIDA, do Instituto Açoriano de Cultura vol. XLIX 2004 Angra do Heroísmo.



lbondeiro

o direito ao voto



luís fernandes

Acabou-se o escrutínio das votações para as Autárquicas e já outra campanha política se inicia, desta vez para a Presidência da República. Esperemos que os portugueses acordem de vez e se disponham a exercer o direito de voto com mais entusiasmo.

De facto, ao analisar os resultados contabilizados individualmente pelos vários Partidos que se submeteram nas listas, independentemente das Câmaras, Freguesias ou Assembleias conquistadas, verificamos que um deles conseguiu o feito de amealhar 39,08% dos votos, dividindo-se os restantes 60,92% pelo PS, PSD, CDU, CDS, Bloco de Esquerda, Partido da Terra e Vários Grupos Independentes.

Os 39,08% cabem naturalmente ao Partido da Abstenção em cujos membros, aderentes ou simpatizantes se incluem por força das circunstâncias os

acamados, únicos com direito a falta justificada, os preguiçosos, os indigentes, os abstencionistas, os passivos, os amorfos, os-que-foram-à-praia, os-que-viajaram, os-que-não-são-de-cá, os-que-não-estão-para-aí-virados, Os que justificando a preguiça dizem não confiar nem nos partidos nem nos políticos, etc.

Exceptuando os acamados, todos os outros sem excepção, poderiam e deveriam exercer o seu direito (obrigação) de voto. Há condições para tal.

Os descontentes da política? Organizem partidos políticos a gosto a exemplo dos Vários Grupos Independentes Locais, com interesses variados, longe da guerra esquerda direita (de quê, de facto?).

A abstenção faz-se descarregando o nome no caderno eleitoral, depois... Ficaríamos mais contentes todos nós e os políticos mais atentos se em vez de 40% de abstenção houvesse 40% de votos brancos.

É curioso constatar-mos que são justamente os membros deste partido, o da Abstenção, quem mais reclama por tudo e por nada. E nunca votaram "neles". Naturalmente!

Para quando a obrigação do voto? "Mesmo" em Democracia temos e seguimos regras, temos obrigações e o voto não é só um direito mas também

uma obrigação. Quem não vota não tem o direito de reclamar. Aliás, quem não vota não deveria sequer usufruir de regalias tais como subsídios para os quais nunca participaram. A exemplo dos Fundos Comunitários, vulgo perdidos ou a juros zero, incluindo-se aqui os individuais e as empresas geridas por eleitores ausentes. O rendimento mínimo e tantos subsídios encapotados que servem sempre os mesmos.

Pelo menos e para já todos quantos andam de mão estendida, pessoas ou empresas, deveriam ver os subsídios cortados. Talvez passassem a respeitar aqueles cuja participação em termos de impostos servem para os manter no partido da abstenção, sem contar que passariam também a respeitar aqueles que dão a cara, o tempo e empenho para tentarem fazer alguma coisa. Alguns fazem asneira, mas também é verdade que só se arrisca a fazer asneira quem faz alguma coisa.

Os outros nem uma coisa nem outra.

Já agora. ***Para quando um candidato à Presidência da República verdadeiramente equidistante dos Partidos instalados?***



comentários sem saudosismos

vicente de matos

Uma velha utopia pelo progresso de Angola ainda terá futuro e capacidade de renascer? ... Um passado com futuro? ...

Colonização colono colónia, derivam da palavra latina *colonial* e na prática significava distribuir terras a soldados romanos desmobilizados em terras submetidas á *pax romana* promovendo cultura, língua da *praxis*, dessas colónias romanas. Entre muitas outras, como significativo, refere-se a cidade alemã de Colónia.

povoamento, transmissão de língua, da cultura e das boas práticas agrícolas e da economia em geral, com benefícios para toda a população. Se em muitos aspectos descambou em exploração do Ultramar pela Metrópole, as culpas não serão com certeza dos chamados "colonos", os quais na tarefa dura de lavrar a terra, saneá-la e torná-la produtiva e útil para todos gastaram a juventude, economias trazidas das suas terras e capacidade de criar e planejar. Fazendas, povoações, postos, pescarias, fábricas, traduzindo-se em riqueza, que a todos aproveitava. Escolas, hospitais dos melhores de África, estruturas económicas, com índices de crescimento anuais de dois

ingloriamente, sem proveito para ninguém...

Porém estamos falando de um saudoso passado, sepultado já nas solenes e dolorosas páginas da História, que não deve ser esquecido, mas agora não "aqueita nem arrefenta" ninguém!

Apetece sim falar dum passado próximo e principalmente do futuro:

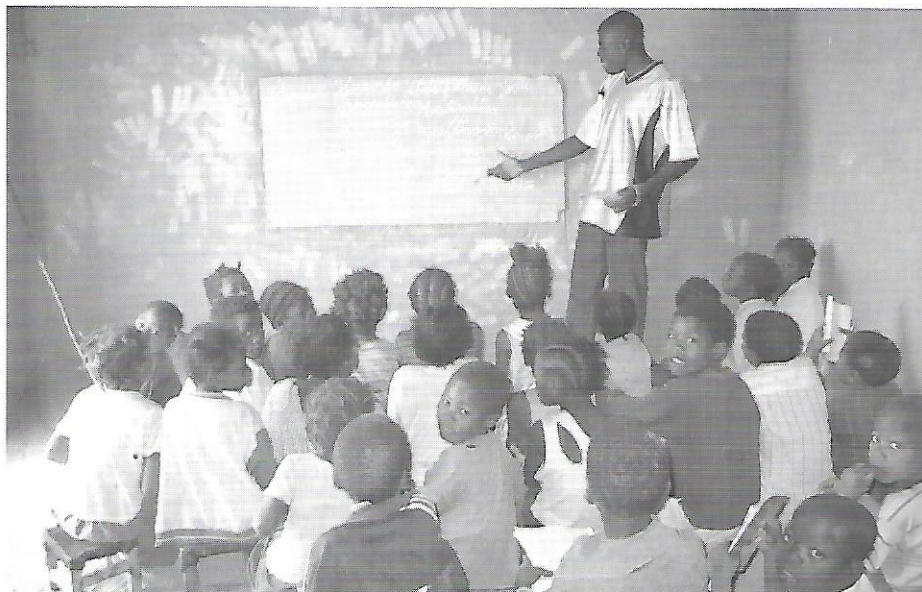
Em 1974, S. Jorge do Catofe a **DÉCIMA ILHA** tinha já dez dos seus filhos na Universidade de Angola e no Seminário e pelo menos sete dos dez chegaram - Cá e lá ao fim dos seus cursos. Na derrocada, salvou-se o que vinha nas suas cabeças, embora valor perdido para a Terra que lhes foi berço. Duas são professoras do Ciclo Preparatório (Lisboa e S. Jorge), uma médica (Porto), um economista alto cargo (Lisboa), um padre (ouvidor em S. Jorge), dois professores universitários, um deles já catedrático (Terceira/Zootecnia) e engenharia civil (Santa Catarina/Brasil). Estão dando o seu modesto mas valoroso contributo, longe da sua Terra.

Porém outros filhos da Décima Ilha que frequentaram então os liceus de Angola não pararam como a vida não parou ..., principiaram a entrar e a sair das Universidades, pelo menos em dois Continentes: são enfermeiros (as), médicos (as), professores de Educação Física, etc.. E alguns dos filhos, dos filhos da "Décima" principiaram a entrar e a sair das Universidades e a maioria tem alguma nostalgia da Terra Natal ou dos Pais, com algum desejo de contribuírem de alguma forma, para reerguimento cultural e económico da terra Bem Amada.

Mas ainda mais: Muitos outros filhos da "Décima Ilha", que, por razões adversas, não frequentaram universidades mas são de muito valor, nas suas diversas profissões, vivendo nos Açores, como nos Estados Unidos e Brasil, que são mais valia numa sociedade bem organizada.

Não haverá contribuição de mais valor, para o Mundo Lusíada, / "o Mundo que o Português criou" (de Gilberto Freyre), dos filhos de S. Jorge do Catofe e dos seus descendentes, de que aquilo que a sua inteligência e experiência valeu!

O Mundo que fala a Língua Lusíada, não desapareceu, nem se apagará, perante a insanidade, a ignorância, a maldade e a traição de alguns...



No caso português desde o Brasil até Moçambique e Angola, a colonização lusíada significou acima de tudo

Ígitos. Em Luanda acaba-se de construir mais de uma casa de vários andares. Rica herança desbaratada

Algumas curiosidades:

1 Combate à malária

Quando em 1942 conheci a região do Catofe a malária grassava, tendo dois dos seus habitantes falecido de “biliosa”, consequência de uma malária que quase nunca perdoava. Ao anoitecer, apareciam nuvens de mosquitos anofelis, os únicos transmissores da doença e o nosso refúgio era debaixo dos mosquiteiros até o sol voltar a renascer ,, Ai de quem se descuidava ... Em 1952 dez anos depois, os mosquitos quase desapareciam eliminados pelos dentes das vacas que tosaram os capins altos onde os mosquitos proliferavam em águas paradas.

Acresciam o uso dos tanques banheiros onde eram banhados os gados semanalmente, para matar as carraças que transmitiam doenças mortais ao gado. Os mosquitos e as carraças das vacas eram vítimas do carracida e não chegavam a habitações dos humanos ! Um serviço mal conhecido

das vaquinhas em favor dos donos ...

2 O afamado leite do Katofe

Foram técnicos de lacticínios que planearam a Fábrica de Lacticínios da Cela, a montaram e dirigiram durante algum tempo e posteriormente dirigida por técnicos da Junta de Povoamento até que a fábrica passou a uma empresa privada 50% do capital pertencente aos lavradores da Cela e Catofe, 10% da Junta Provincial de Povoamento e 40% da firma Martins & Rebelo (de Vale de Cambra). Conselho de Administração da E.L.A., era presidido por um representante da J.P.P., um Administrador da lavoura (por acaso o Presidente da Cooperativa do Catofe (A Açoreana) e um Administrador Delegado (representante de Martins & Rebelo). No Catofe foi construído um moderno Posto de Recepção do leite com capacidade de armazenamento frigorífico de 3 dias a fim de seguir para a Central Leiteira de Luanda (da E.L.A.), em fase de acabamento quando da nossa saída de Angola.

Hoje tudo Fábrica da Cela, recém

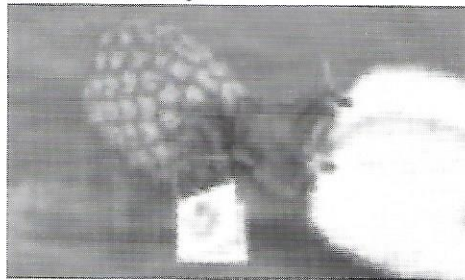
inaugurado Posto de Recepção e Central Polivalente de Luanda tudo destruído sem proveito para ninguém. A irresponsabilidade brada aos céus ! ...

Numa visita de técnicos de lacticínios dinamarqueses, a Angola, não queriam acreditar na classificação do leite de 1ª dos produtores do Catofe, igual ao superior leite europeu produzido por lavradores afamados da Dinamarca e Holanda.

Com certeza semelhante leite produzido pelos seus conterrâneos jorgenses, recentemente considerado por estudos técnicos, o melhor do espaço português, de nível técnico ! Com certeza que se esquece que se produz leite e queijo em S. Jorge, há mais de 400 anos, segundo afirmou o Prof. Gaspar Frutuoso, nas suas “ Saudades da Terra”.

E por aqui me fico.

Vicente de Matos.
Ilha Terceira - Açores.



açores...



silva carvalho

Dos Açores tenho, por vezes, o imenso prazer de receber notícias e conversar com um contribuinte com quem privei quando das minhas andanças como funcionário de finanças em Angola, por terras do Cuanza-Sul e, ultimamente, na Quibala.

Considero Vicente Teixeira de Matos, um velho amigo, com quem já estive nos Açores Ilha Terceira, por ser um homem de trato afável e de uma conduta ímpar de uma só palavra, irrepreensível, convicto e muito franco. Com ele gosto de recordar os velhos tempos de uma vivência em África, Angola, Cuanza-Sul, Quibala, mais

propriamente no Catofe (a Décima Ilha dos Açores, como orgulhosamente gosta de lhe chamar) e na qual pontificou, com os demais açorianos, como fervoroso defensor e, trabalhador incansável no desenvolvimento e estruturação do que foi a exemplar colonização, da A Açoriana, Cooperativa Agrícola dos Açoreanos, que demandaram Angola, à procura de melhores dias, estabelecendo-se no Catofe - S. Jorge do Catofe (a Décima Ilha), bem no centro de Angola, concelho da Quibala, um exemplo que enalteço e me apraz recordar, através dos comentários do escrito do meu amigo Vicente Teixeira de Matos.

Apreciem e comentem os leitores que se recordam ou conheceram o Colonato de S. Jorge do Catofe ... Não é, aliás, a primeira vez que somos honrados com a sua colaboração (vide pag. 17 N.º: 11 do O Gabelense.)

meia meia



silvia magalhães carvalho

É da razão humana a tudo dar um conteúdo
Da parte esperar o todo, do meio prever o fim
Do singular formar o plural, e por aí adiante. Contudo:
Nesta natural inclinação, de conceber o mundo assim
Uma verdadeira obsessão que já Noé exibia
De emparelhar, reunir metades, consolidar
A meia a banal meia do pé na sua natural rebeldia
Constitui a saudável excepção. Pois à tendência de juntar
Partes da mesma essência, numa míope complementaridade,
A meia contrapõe a sua teimosa individualidade
Continuamente repelindo aquilo a que se devia afeiçoar:

A outra meia, o seu par, por assim dizer a sua cara-metade.

Vejamos:
Um mistério quotidiano, daqueles relevantemente banais,
Prostra-nos diante a gaveta, abalados nos nossos ideais:
Onde está o par desta meia, que sumiço se lhe deu ?
Já se revolvem as roupas, que se confundem no breu
Questiona-se a empregada e o parceiro que se escolheu
Já se acusa o rafeiro do cão que de certeza a comeu
Desmonta-se a máquina de lavar, talvez debaixo da cama,
Esvazia-se o alguidar, e o saco do lixo, e a roupa suja e a casota do bicho
Controlam-se as pernas do vizinho, que é suspeito e vive sozinho
Até que de pura exaustão e arfando filosófica ironia
Conjecturando buracos negros e negra feitiçaria
Nos rendemos ao destino caindo em pesada apatia:
Que fazer com meia meia , um paradoxo por definição
Um contratempo cosmológico, um

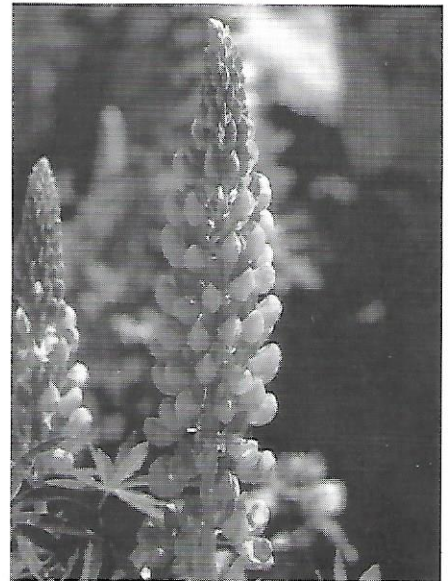
desperdício em contramão?

E a meia parte, ou parte de meia, metade do todo em que pensamos crer

É votada ao ostracismo por quem completa o que quer ver.

Mas no fundo de tantas gavetas reside assim uma trouxa singular

Meias meias cuidadosamente atadas na alheia esperança de um par



SILVIA MARIA MAGALHÃES CARVALHO, nasceu na Gabela, Amboim, Angola. Ainda criança em 1975, chegou a Portugal, onde continuou os estudos, iniciados na Quibala, também em Angola. Em 1982, acompanhou os pais para os Estados Unidos da América, onde seguiu os estudos e se formou com o curso de secretariado. De regresso a Portugal, licenciou-se em Línguas e Literatura Moderna, pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Fez o doutoramento na Alemanha, onde ficou a leccionar na Universidade de Trier, vivendo em Saarbrücken há dez anos.

passo horas contigo

silvia magalhães carvalho

Passo horas contigo

Passo horas a fio
Encantos de solidão
Tecendo noites de seda
No veludo da escuridão

E nas horas que passo a só
Em ti me perco a saber
Que os passos que oiço no escuro
Me levam a de ti me perder

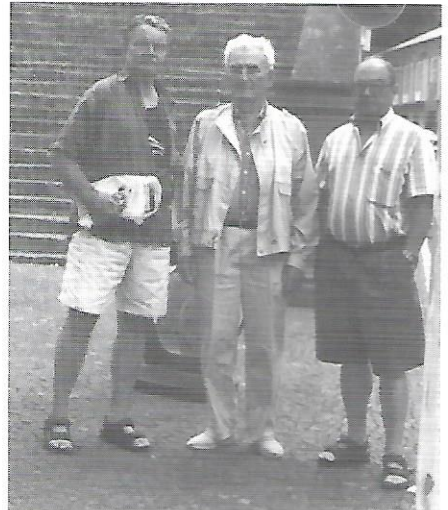
Na saudade deste tear
Vincos pausas de ternura
Contorno mãos que sem hesitar
Me convidam para lá da censura

E sem saber que ponto conto
Nem que cruz me cabe traçar

Me ajoelho como quem reza
Para em lá comungar
Fios que me envolvem e me tecem
E me enlaçam em macia costura
Rodas que me entontecem
E que me tiram a sede e a segura
E esta roca que assim ágil manejo
Trespasa o fuso de um desejo

Logo neste sem saber
Se anuncia a claridade
Hora em que sinto desfazer
Aquilo que em mim é verdade

E este pouco que tenho
Do muito que já soube ter
É por ventura e empenho
O nada que me prende ao tecer



Silvia Carvalho, Sr. Vicente e Álvaro Silva

instantâneos da minha vida

Luís de Sousa

Dedicatória:

Ao meu neto, Henrique Jorge de Sousa.

À memória do meu filho, do meu Joca,
Paulo Jorge Oliveira de Sousa.

VÍTOR

Nasceu nas nossas terras, algures, num ermo, nas lonjuras do Cuando-Cubango. Seus pais, modestos comerciantes e esforçados “funantes”, “mourejavam de sol a sol.” contou-me o Vítor.

A “exemplar descolonização”, do Mário Soares e de outros quejandos, a dita “descolonização possível”, despojou-o de tudo sem cerimónias e, por sorte, não lhe tendo cortado o pescoço, ainda assim e como que por especial favor, despejou-o em Portugal.

Se a democracia deles é o que se está por aí a ver, não passa de folclore, futebol e caneladas; pulinhos para aqui pulinhos para ali, pulinhos para cima pulinhos para baixo, pulinhos para a esquerda pulinhos para a direita. É vazia. Está podre. Cheira mal. Não presta. Ofereça-se aos “campeões” que tanto se apegam a ela. E não se diga que, para o que está politicamente podre, não há alternativa que não a ditadura. Por certo, haverá, pelo menos, o Estado de Direito que o seja efectivamente, o Estado da Verdade, da Coerência, da Justiça, da Certeza, da Segurança, da Moral (e não necessariamente da moral católica ou a de qualquer outra confissão religiosa), da Ética; o Estado assente na sua verdadeira Identidade de Estado, assente na não contradição, assente no terceiro excluído, assente na estabilidade social e não tanto na da governação, assente, em suma, na Paz entre os Homens.

O que é verdade hoje, não passará a ser mentira amanhã só porque então o hoje já terá passado; o que foi mentira ontem não terá de ser verdade hoje, nem terá de o ser amanhã, só porque o ontem já passou e o amanhã não chega nunca. Deixem-se os interesses desmedidos de quem não tem

medida e o pragmatismo dos americanos para as americanisses. Preze-se o que são os nossos valores e, dos outros, obviamente, o que se tiver por comum e, ainda assim, nunca o mau; dos particularismos alheios, fiquemos, no que tiver que ser, com aquilo e só com aquilo que para nós, enquanto colectividade com valores próprios, for havido como bem, for havido como bom. Sejámos gente de princípios e de valores. Opte-se pelos princípios que informam o pensamento válido e verdadeiro e pelos valores universais, se não tanto pelos da moral, que o seja pelos da ética, e nunca, jamais, em tempo algum, pelos princípios e valores da selva escura e tenebrosa sejam eles quais forem. Deixemo-nos de imitações desbragadas, deixemo-nos de cabriolices e macaquices.

O mundo da Natureza será o mundo da Natureza com as suas supostas leis, com o seu suposto determinismo. O mundo do Homem será o mundo do Homem na consensualidade da verdade, dos

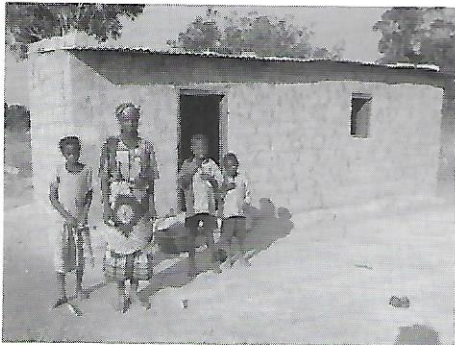
Princípios e valores a projectarem-se coerentemente nas regras e leis que deles deverão dimanar. Não se confundam realidades opostas. Se bem que não excludentes, o mundo da Natureza é uma coisa e o mundo do Homem é outra: mundos, coisas, seguramente diferentes.

Os infortúnios do Vítor, bem como os de tantos outros vilipendiados e desapossados do que legitimamente

Era seu, não acabaram por ali. E devem-se não só à culpa daqueles que por lá ficaram e que, na prática, o enjeitam como angolano por não ser preto, mas sobremaneiramente à culpa de outros tantos energúmenos, vigaristas, oportunistas, mentirosos, vendedores de pátrias, que ostensivamente por aí se banqueteam e pululam impunemente.

Ele é só ele e a mãe... a mãe dele... Não têm com quem mais contar... E serão, por certo, tantas... tantas... as contas e os contos que, um dia, a História terá para contar, que só então,





Se a História as contar, ficará a claro a razão pela qual eles não têm nada, não têm com quem mais contar...

A mãe... já velhinha e entrevada; ele, também com os seus achaques... porém, a sustentá-la, a tratá-la... É a mãe. E mãe, em verdade, só há uma.

Tudo isto, enfim, é o quadro tétrico de uma vida penosa com ressaibos de algum surrealismo à mistura. De resto... Pintar quadros diferentes da realidade das coisas?... Não será verdade que o que é verdade é verdade? Para quê então enfunar com falácias ou com eufemismos sempre ridículos quem por tantos e pelos mais diferentes modos já tanto foi enganado?

Para quê sofismar? Para quê, pois, enganar?...

Enganar é inútil: a mentira tem pernas curtas e é cobarde!

Considere-se no meio e no fim de toda a desbragada estapafurdice, no meio e no fim da "debandada de pata rapada" que tão profundamente marcou toda uma gente, que a verdade das verdades ainda está por dizer: o que mais importará considerar agora, não é, por certo, o que por lá ficou nem o que por lá se vai passando. Não é, por certo, nisso que, entretanto, urge atentar. Todo esse acontecido e acontecer, para os que cá estão mal ou bem, é passado e já nada ou pouco interessará. Passaram-se trinta anos. Trinta anos é muito, muito tempo. "O que lá vai, lá vai, não te metas noutra!" dizia o Verganista Martins.

Aquilo a que urge pôr cobro é à injustiça a injustiça magoa fundo, não se esquece e reclama reparação para todo o sempre urge pôr cobro à injustiça aqui e neste país, da não indemnização a qualquer dos "retornados", aliás, ao contrário do que se fez em benefício dos seus pares, pares deles, "domésticos", que, desapossados dos haveres que tinham e não tinham no seguimento do golpe de Estado dos cravos, foram

chorudamente indemnizados como se só eles, afinal, tivessem sido atingidos, ao tempo, pela devastadora irresponsabilidade deles próprios que não doutros, deles próprios, os tais energúmenos, mentirosos, vigaristas, os tais que se em alguma coisa se distinguiram e se distinguem como exímios foi e é na demagogia que tanto apreciam; os tais... aqueles tais falabraros e vendedores de pátrias.

Os "retornados"... Outra história: sem problemas conseguiram integrar-se facilmente. Aí está, pois, veja-se: integração justa e bem sucedida dizem eles.

É desnecessário, por demais conhecido e esfarrapado, o uso e abuso sem pudor da manigância manipuladora, da tramóia no arrebanhar das massas ignaras, da técnica de distrair, de desviar a atenção do essencial para o acessório, ou no ardid subtil de passar a mão mansamente pelo pêlo eriçado.

É facto que só e por dizer-se que com o mal dos outros podemos nós bem, e que, por isso, relativamente ao que se passou e passa com os outros, tanto se nos dá como se nos deu.

Quando alguém se cala quedo e mudo perante mentiras hediondas, incoerências escabrosas, injustiças estrondosas e gritantes, estará ou não a ser conivente com a situação criada?... Se está a ser conivente, como é que se quer que se seja depois, face à borrasca que vier e o atingir, considerado inocente?!

Quais inocentes nem meios inocentes!... Estão é a brincar connosco.

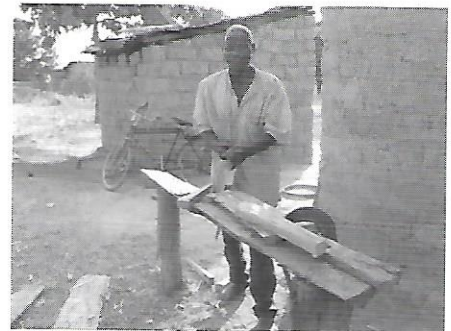
O que se precisa é de pão e circo, vão eles, em coro e sem decoro, dizendo estridentemente e em unísono, por imitação como papagaios no seio da nossa dita nova realidade a que passaram a chamar democracia por contraposição ao que, quiçá por despeito, chamaram e chamam ditadura.

E, já agora, por que não?... À falta de melhor, o que se precisa é de Valentins Loureiros, Pintos da Costa, Isaltinos Morais, futebol, folclore, fado e Fátima.

O que é mesmo preciso vão eles misturando populisticamente

politiquire com futebol e folclore, com habilidades e mentiras, para confundir é ir falando em surdina, com voz mansa, com voz doce e suave, melíflua, com olhares de "carneiro mal morto" e recurso a ambiguidades.

E quando a capacidade de fingir, de mentir, de enganar, na dita democracia se frustra, se esvai, em vez de pão e circo, em vez de falas em surdina e passagem da mão pelo pêlo... Polícias, cacetetes, cargas, tiros, exércitos, bombas e mais bombas. Qual soberania dos Estados nem meias soberanias dos Estados?!... Qual



"Estado de Direito" nem meios "Estados de Direito"?!... Qual Direito Interno nem meios Direitos Internos?!... Qual igualdade nem meias igualdades?!... Quais direitos, liberdades e garantias individuais nem meios direitos, liberdades e garantias individuais?!... Pois é, o Direito... O Direito hodierno, há já um tempo, deixou de falar direito, fala economês e é arrastado pelas ruas da amargura. Hoje vale tudo em nome do dinheiro: crianças, mulheres, velhos, civis, tudo passa pelo fio da espada sem apelo nem agravo.

Quais ONUs nem meias ONUs?!... Qual Direito Internacional nem meios Direitos Internacionais?!... Quais Direitos Humanos nem meios Direitos Humanos?!... Qual Tribunal Penal Internacional nem meios Tribunais Penais Internacionais?!...

Quando se tem e detém a força bruta, dura e informe, são todos eles iguais na defesa intransigente dos privilégios do poder, do egoísmo doentio, dos mórbidos estados de necessidade por satisfazer, dos interesses sempre pouco ou nada confessados e no esquecimento ostensivo da solidariedade para com os outros. "Quando as bananas não chegam para todos é tudo uma macacada" dizia o meu amigo Castelão. Logo se perdem os valores. Logo se esquece a liberdade, a igualdade, a fraternidade. Esquecem-se

os direitos, liberdades e garantias individuais. Esquece-se o respeito devido ao próximo. Esquece-se o Estado de Direito. Rasga-se a máscara e lá se vai a hipocrisia camuflada para as urtigas. Parte-se o verniz e a porcaria jorra a potes para o exterior. Tudo fica a descoberto.

Ponto é que já não há o que disfarçar nem como disfarçar. As bananas já não chegam para todos. E, portanto...

O Vítor é varredor de ruas... em Lisboa.

Precisei do Vítor.

Se isto fosse na minha zona, eu não deixaria ficar assim! Pegaria numa enxada e capinaria tudo isto. desabafou.



O Vítor é varredor de ruas sem que o facto lhe esmoreça, do espírito, a perspicácia, a sagacidade, o sentido de humor; das mãos, o engenho e a arte; o engenho e a arte de fazer pequeninas coisas que tão grandes são no quotidiano de toda a gente. São dele,

pois, tais peculiaridades; peculiaridades, enfim, que, nele, Vítor, tão bem se casam, tão bem se encaixam, tão bem o caracterizam.

“Quando as minhas sobrinhas, diz ele outros parentes e familiares, e mesmo dessa muita gente que mora, se passeia, se pavoneia, pelas torres e plataformas das “Amoreiras” cheias de luzes às miríades a resplandecerem de cor e enxameadas de snobismo e soberba, precisam de pequenos arranjos em suas casas, sou eu quem os resolve. Então, não há ninguém que não se lembre do Vítor. Contudo, noutras ocasiões, quando passam por mim nas ruas de Lisboa, onde, amiúde, me encontro a varrer lixo, ninguém nem as minhas próprias sobrinhas me reconhece. Nem sequer me conhecem: todos viram a cara, fogem de mim como se eu tivesse lepra; têm todos vergonha do Vítor, do tio Vítor, do varredor de ruas. Certamente não seria de mais se me desse para chorar. A verdade, porém, é que as lágrimas já se me secaram. Já chorei tudo quanto havia para chorar. Sorrio e dá-me vontade de rir... E quando, de novo, precisam de mim... Lá estou eu sem acrimónia: volto a aparecer-lhes; sempre o mesmo; com a mesma carantonha que já não sei se é prazenteira ou se de imbecil; volto sempre com aquela minha cara que ainda não deixou de ser a que sempre foi.

O Dr. Proença de Carvalho tem um jeito formidável para tudo o que seja trabalho de mãos. É ele próprio que faz a maioria das pequenas reparações em

sua própria casa. Causa-me surpresa e admiração.”

O Vítor reparou-me a máquina de lavar roupa: mudou um condensador; apertou um parafuso aqui, apertou outro ali; limpou tudo e arrumou tudo quanto havia para limpar e quanto havia para arrumar.

Entrementes, passara a hora do almoço e não deixara de trabalhar. Não disse que tinha fome.

Convidei-o para almoçar comigo. Levei-o a um restaurante.

Em momento algum, e perante fosse quem fosse, o vi ou o senti inferiorizado, minimamente diminuído nas atitudes e comportamentos de circunstância.

Por fim, quando me propus pagar-lhe o serviço que me havia sido prestado, pediu-me apenas o preço que lhe custara o condensador.

Estendi-lhe uma nota. Dei-lhe cinquenta euros. É para si! disse-lhe eu.

Inopinadamente, fez um trejeito de recusa com as mãos e, com o semblante carregado como que de pudor contristado, deu um passo para trás em fuga como se o dinheiro queimasse.

É muito! disse o Vítor, com os olhos baixos e em murmúrio arrastado, cavernoso, soturno.

passou de moda ... dá para pensar... porquê mentir ... A quem serve... será das liberdades instituídas pela democracia?



SILVA CARVALHO

Não é, hoje, muito comum elogiar, enaltecer, reconhecerem-se méritos ou valorizar o cidadão anónimo, que contribui, com horas depois dos seus afazeres, dedicando-as à causa comum, empenhado em actividades sociais ou lúdicas, sem outra finalidade, que não seja de reviver e/ou manter recordações de tempos do passado ou passados em convívio, noutras

paragens (neste caso em Angola, Cuanza-Sul, Amboim cidade da Gabela) com manifestações que reunam o maior número de presenças, de pessoas comungando dos mesmos ideais, cientes de que contribuem com as suas iniciativas para unir uma comunidade desfeita... que, no passado, numa vivência compartilhada, se empenharam na construção e



desenvolvimento, noutros cantos do mundo português, onde se fixaram, por vezes em situações adversas, agrupando núcleos familiares, de início reduzidos que, com o tempo, se tornaram centros urbanos evoluídos, economicamente estruturados e, socialmente independentes...

Foi o que aconteceu, com o Amboim princesa do "ouro negro" o rotulado café "tipo" Amboim, conhecido e preferido em todo o mundo e que projectou a cidade da Gabela que pontificou e se desenvolveu mercê do trabalho árduo dos seus agricultores que souberam administrar a riqueza da sua cultura, que implementaram nas "ROÇAS", não só de café e/ou palmares, com indústrias de ponta das mais modernas na época para tratamento e transformação dos produtos que tanto contribuíram para o desenvolvimento e economia do País, apesar da guerra.

A primeira homenagem, reconhecimento, elogio e grande reconhecimento vai para esses obreiros, colonos, que lhes chamaria antes pela "ofensa" que a palavra hoje encerra, de *grandes agricultores*, que souberam.



Com esforço, sabedoria prática sem qualquer apoio técnico que não fosse a experiência e persistência do seu trabalho na solidão, honrar a estirpe do homem e mulher portugueses - em todos os quatro cantos do mundo, onde sempre elevaram o bom nome de Portugal, o seu patriotismo, nunca renunciando a sua ascendência, desfraldando a sua bandeira a Bandeira Portuguesa, entoando o seu hino o Hino Nacional símbolos do seu orgulho, de pertencerem e nunca terem negado a Pátria Lusitana.

O exemplo de persistência e apego aos seus princípios de trabalho, repetiu-se na Mãe Pátria, onde os gabelenses espalhados foram se reunindo em sucessivos encontros, num reencontro, após a descolonização, para se reestruturarem, mantendo um elo de ligação para troca de opiniões e eventuais tomadas de decisões, importantes para reorganizar uma vida partindo do nada...



Com o tempo apareceu a Associação dos Naturais, ex-Residentes e Amigos da Gabela Os GABELENTES, que os uniu e, como elo de ligação organizou encontros anuais, sempre concorridos e muito animados, onde as recordações eram tema para matar saudades, reencontrar amigos e falar da experiência no presente e projectos para o futuro ... nunca esquecendo as dificuldades de sobrevivência em Portugal que, para a maioria iniciaram novas vidas, com encargos familiares redobrados. Outros deram conhecimento das suas novas vidas em países, como o Brasil, Estados Unidos e, da sua experiência de opção de se manterem em Angola onde uns permaneceram e, outros para lá regressaram ... Para continuidade e como elo para as suas trocas de impressões e/ou recordações o boletim O Gabelense, tenta manter o que foi uma cultura africanista, com contos da passagem dos portugueses em terras angolanas, da sua experiência, principalmente com o desejo de que ninguém se esqueça dos seus méritos e participação no que foi a aventura, de ser europeu e/ou luso africano

(angolano) no desenvolvimento de África, mais propriamente na ex-provincia de Angola, hoje País independente, que muito nos orgulha, mas que nos negaram acolhimento e o desejo (direito) de participar na continuidade da construção de um País livre, em desenvolvimento, que seria o maior de África, onde é bem patente o labor e esforço dos portugueses que aí nasceram, viveram e contribuíram para o País que hoje é a República de Angola, onde se manterá a profunda influência dos portugueses na sua edificação.

Passemos a falar de nós ... Deixemos as embirrações e mentiras para os profissionais da política. Cabe-nos reconhecer e enaltecer a iniciativa dos que se empenharam em reunir os gabelenses dispersos, criando-se o dia do seu encontro último domingo de Junho de cada ano, em que nos juntamos para confraternizar, viver momentos de recordação, um dia diferente das nossas vidas, que cada vez mais cria um sentimento de união, sem saudosismo e muito menos de ressentimento ... de que temos o direito de compartilhar nas nossas conversas ...

Fizeram-se de início, almoços em que se juntaram uns quantos, em diversos locais, numa primeira iniciativa de Aldina Lopes da Silva Caldeira Nunes, nossa sócia honorária nº.: 1. Almoços continuados, que deram origem a encontros, já sob a égide de uma organização de vários gabelenses incentivados pelo entusiasmo do Oscar Simões de Oliveira, que ainda hoje se mantém em actividade. Juntaram-se Armando José Campos, sócio honorário nº. 2; José Pinto, sócio honorário nº.: 3; Jorge Louro, sócio honorário nº.:4; Padre Manuel Alexandre, sócio honorário nº.: 5, o inesquecível Padre Alexandre que sempre nos acompanhou desde a Gabela, onde foi capelão militar, pároco, professor e orientador da nossa juventude; Alfredo Neves Moreira, sócio honorário nº.: 6; e, tantos outros que apoiaram e participaram nos encontros que então se realizaram.

Seguiu-se a intenção em 14/10/1990, da criação de uma colectividade que associasse os gabelenses, de que se formou uma Comissão Directiva, para organização e legalização, constituída por Luís da Silva Carvalho, José Faustino Amaral, Armando José Campos, Jorge Louro, Rui Abrantes, Acácio de Oliveira e Oscar

o gabelense

Oliveira, que além de darem continuidade aos encontros anuais se empenharam na constituição e legalização da nossa Associação. Em 22/03/1991, foi feita a escritura da Associação dos Naturais, ex-Residentes e Amigos da Gabela, no Cartório Notarial da Mealhada.



Mantêm-se os encontros, sempre muito concorridos e animados, agora com eleição de Corpos Gerentes, que deram continuidade às actividades, sempre acrescidas das dificuldades da dispersão dos gabelenses, que foram diminuindo a sua presença, muitos por motivo da idade avançada, outros desmotivados ou por falta de tempo ... Para muitos, o destino, no último domingo de Junho, de cada ano, é o Parque de Merendas de Mogofores, Mealhada, Anadia, que acolhe a confraternização dos gabelenses ...

Projectou-se então, a ideia da publicação de um Boletim, que se intitularia de "O GABELENSE", que a partir de 1997, passou a ser enviado, gratuitamente, aos gabelenses, semestralmente (Junho e Dezembro) até hoje, já vamos no nº.: 16/Junho de 2005, a que se seguirá o nº.: 17/Dez.2005 e que incluirá este artigo, como mensagem não só de continuidade, mas também de reconhecimento àqueles que foram e serão mencionados como obreiros da manutenção das actividades da nossa Associação.

Sem desprezirmos de todos que têm colaborado como elementos activos, destaco Oscar Simões de Oliveira, como o mais entusiasta dinamizador das iniciativas levadas a cabo pela nossa Associação, desde o início, como já referi, mantendo a comunidade gabelense unida em Portugal, após a descolonização. Também me merecem ser mencionados pelo trabalho desenvolvido, por ordem de sequência, intencional, José Fernando da Conceição Santos e Acácio Almeida de Oliveira, como responsáveis pela publicação do Boletim, mantendo o último essa ocupação; e ainda Fernando Veríssimo dos Santos, Rui Manuel Rocha Cecilio, Manuel Luís Fernandes, Liocildina Simões Oliveira, Maria da Conceição Fernandes, Maria Odete Mourato, Elisio dos Santos e Fernando Mourato, actuais membros Directivos, que contribuem com o seu apoio na continuidade e organização administrativa da nossa Associação, mantendo-a activa apesar das contingências que sempre surgem ... Uma menção honrosa para um jovem colaborador, Luís Miguel Lourenço dos Santos, sempre disponível para nos ajudar.

Seguem-se os colaboradores permanentes do nosso Boletim que, sem eles não seria viável manter a sua publicação. São garante dessa continuidade o Dr. Jorge Domingues, o Dr. Luís de Sousa, António P. Fernandes (crónicas da Califórnia), Profª. São Marques, Prof./Dr. Mário Frota e tantos outros que, furtivamente, têm acedido, sem continuidade, a enviar os seus escritos, sem esquecer o Dr. Artur Neto Gonçalves, que de início tanto nos apoiou ... A todos o nosso reconhecimento e muito interesse que

continuem a valorizar o nosso Boletim. Também novos colaboradores serão bem vindos.

Mandem os seus artigos para o email do Acácio de Oliveira: oliveira.acacio@iol.pt

Que serão publicados, para agrado dos gabelenses ...

Porque já vai longa a nossa mensagem de reconhecimento, não podíamos esquecer os patrocinadores da nossa Associação. Desde início, com um programa reportando os nossos encontros as Caves Aliança, S.A., Rua da Misericórdia Sangalhos (Tel. 234732000 www.cavesaliança.pt) e também a empresa de construção CAMAPE e Irmãos Castro, uma firma de construção civil, cujos sócios (os irmãos), são naturais da Gabela, Av. Dr. Lourenço Peixinho, nº.: 174 3800-161 Aveiro Tel. 234420641 234420590 e Fax 234420, que vêm patrocinando o nosso Boletim que, sem o apoio de ambos seria inviável manter publicação.

Finalmente a todos os gabelenses que nos apoiam e apreciam o nosso trabalho, o nosso sincero reconhecimento, crentes que desejam a continuidade da nossa Associação e do seu Boletim. Todos, nascidos, ex-residentes e amigos da Gabela, sentimos que somos gabelenses e sempre seremos, orgulhosos da contribuição que demos aquela terra Gabela, a nossa cidade, Amboim, Cuanza-Sul, Angola.

A Direcção da Associação agradece.

de pais para filhos...



SILVA CARVALHO

De pais para filhos, devem ser dados os exemplos, para além dos apoios tão necessários à consolidação do futuro

dos jovens, cujas perspectivas de singrar em carreiras profissionais, no mundo do trabalho cada vez se torna mais difícil ...

É uma conjuntura mundial, que cada vez mais se agrava a nível nacional, sem horizontes de solução a curto prazo e com trabalho sempre precário.

De certo que haverá razões que o justifiquem, que os Governos não têm conseguido solucionar e que vêm tentando em vão, não abordar o assunto, numa tentativa de evitar conflitos sociais

com os representantes dos trabalhadores mais prejudicados e não só.

Pensemos. Meditemos e, como se diz, não choremos sobre o leite derramado! Porém, o passado recente, que tantos agravos e controvérsia causou aos que vieram viver para Portugal - portugueses e não "retornados" que, com o mesmo espírito empreendedor demonstram que como lá (Angola), também cá (Portugal), podem continuar a contar com o seu apoio. Saberão contribuir para a reestruturação do País, seu

desenvolvimento, cientes que continuarão a ser um garante para a sua economia, contribuindo para a sua consolidação, como sempre, mercê da sua experiência vivida, num território, em que se empenharam na sua edificação, Angola, recorde-se, catorze vezes e meia maior que Portugal, não só na sua área, mas na mentalidade dos que a habitaram, em relação ao progresso que implementaram, com projectos de desenvolvimento e não só, com a ambição de gerar riqueza que a todos beneficiou, e, de que o País - Portugal sempre foi o maior beneficiário.

Reclama-se que os profissionais da indústria da política, tenham coragem para reconhecer e louvar os que demandaram às ex-colónias portuguesas em busca do que a Mãe - Pátria lhes negava, contribuindo para a exploração das suas potencialidades agrícolas, pecuárias, da pesca apoiadas em indústrias de transformação modernas dos produtos para exportação, conhecidos e reclamados em todo o mundo, que gerou uma cobiça permanente "dos caçadores de Tesouros" Angola era, foi e será um Tesouro cobiçado ...

Faça-se justiça. Reponha-se a verdade. Parem de enxovalhar, humilhar e de desmerecer o que foi a presença activa, de trabalho insano, vontade indómita, de sacrifício impar, muitas vezes de extrema solidão, em que viveu o colono, para ganhar a sua batalha de luta pela sobrevivência ... em terras inóspitas, que desmataram, amanharam, cultivaram e colheram o produto do seu sacrifício, tantas vezes inglório e infrutífero. Sem desânimo, revigoravam o seu esforço, para continuar, na ânsia de melhores dias, nem sempre conseguidos. Também havia colonos pobres, tão pobres como os pobres de cá ...

Porém ocorre-me um pensamento que, frequentemente me aflora nas minhas divagações dos tempos que correm, em que não há nunca justificações para os males que nos assolam. Porque será que Portugal, após a descolonização, se debate com problemas económicos, que se agravam, com a perda de poder de compra do povo e não se cansa de recorrer ao apoio da União Europeia, de que somos o parceiro pobre e o maior pedinte ...

Será o facto da perda das suas colónias? Das suas riquezas, da matéria prima lá produzida, remetidas para Portugal que mantinha uma indústria rentável? Da falta das divisas das exportações, que tanto engordavam o erário e património do Estado Português e que por outro lado consumiam os excessos da produção, não exportáveis, que eram enviados para as Colónias? Para além das riquezas, imensas riquezas, extraídas do subsolo, de que o Estado Português era o maior beneficiário?

Os Pais e Filhos, descendentes da geração descolonizada que sigam o exemplo que deram ao mundo, os seus progenitores, no trabalho que ficou feito, nos novos Países, onde o seu contributo é visível e está patente na grandeza da sua obra. Que os gabelenses se orgulhem sempre do que deixaram feito e que nunca poderá ser negado tantas foram as realizações, fruto da vontade e do apego à terra que os acolheu e que os fazedores da política lhes retirou. Contem o que foi a aventura que viveram, o trabalho e esforço despendido, cujas memórias ficarão para a História, que será mais tarde contada com verdade e sem justificações falaciosas, que estou certo enaltecerão o que foi o contributo dos verdadeiros colonos que tanto contribuíram para o engrandecimento das terras por onde passaram. Os seus feitos estarão irremediavelmente ligados às indestrutíveis obras que são patentes e que integram a cultura por onde os portugueses passaram no decorrer dos tempos e muito recentemente no que foi o Ultramar Português...



Amigos Gabelense:

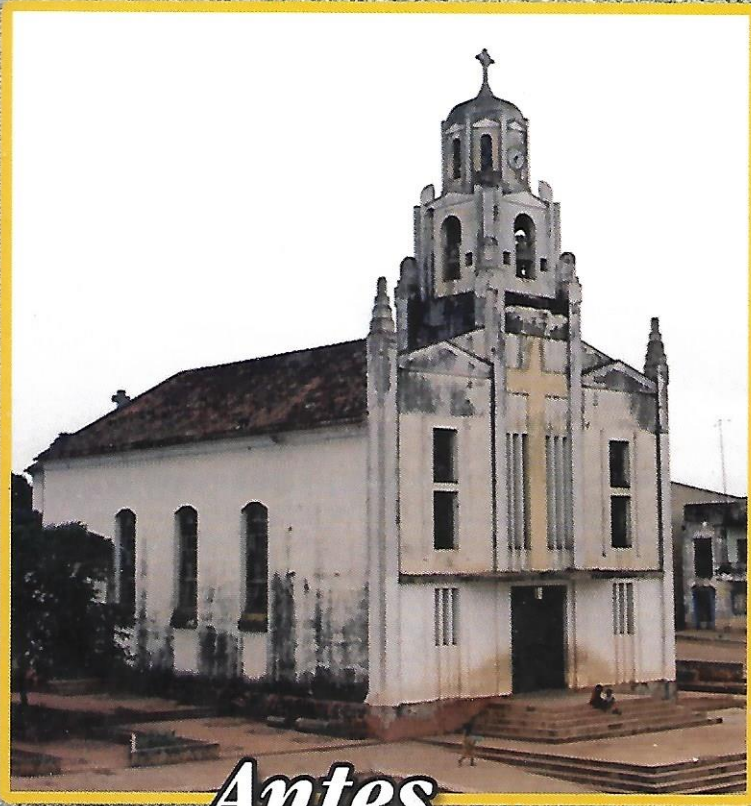
Agradeço que visitem este site. Foi criado por um grupo de pessoas que se preocupam em desocultar um processo que foi, segundo António José Saraiva - intelectual honesto e insuspeito - "a página mais negra da História de Portugal"! A recolha de 4 mil assinaturas promoverá a petição colectiva que desencadeará a discussão em Plenário na Assembleia da República.

Se concordarem assinem e divulguem

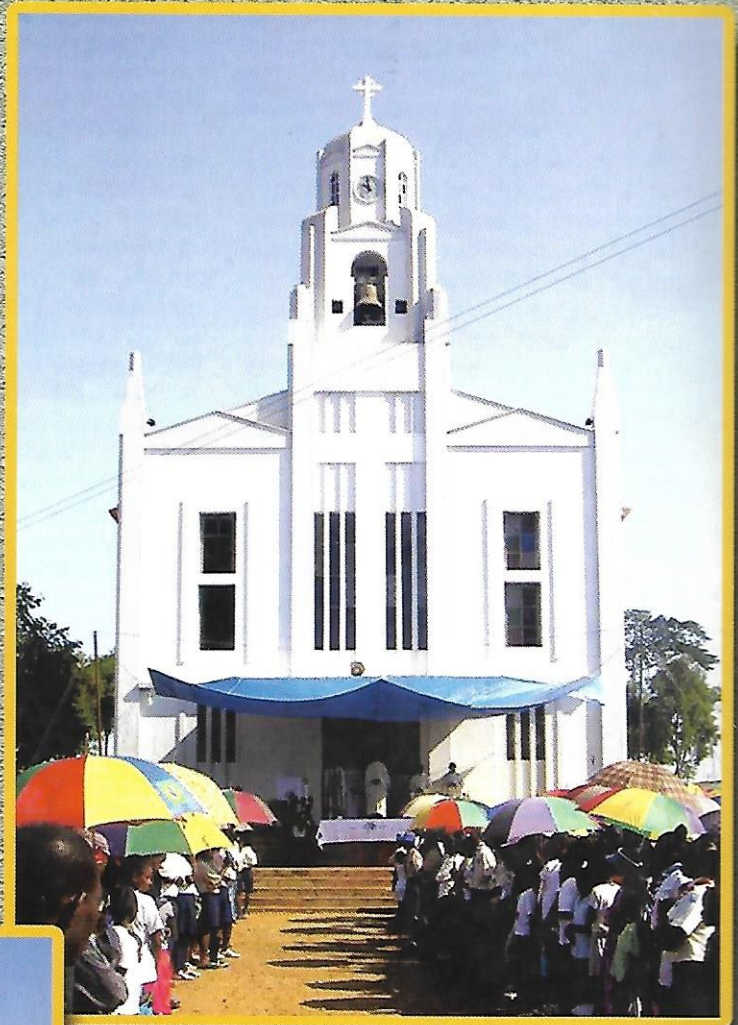
<http://peticao.descolonizacao.net>

Obrigada
Maria do Céu Castelo Branco

***CAMAPE e IRMÃOS CASTRO Apoiaram a
Reconstrução da Igreja Rainha Sta. Isabel
(Gabela)***



Antes...



Depois!



***Imagens do
Dia da Inauguração***